



Vozes

ASSÉDIO SEXUAL NA UNIVERSIDADE: QUEM SOFRE, QUEM
FAZ, QUEM VÊ, QUEM SE CALA

GIULIA SANTANA



Vozes

ASSÉDIO SEXUAL NA UNIVERSIDADE: QUEM SOFRE, QUEM
FAZ, QUEM VÊ, QUEM SE CALA

GIULIA SANTANA



Copyright © Giulia Santana
giuliasantana.com
@giuliasntana

Este livro-reportagem foi originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso para obtenção do diploma em jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no segundo semestre letivo de 2018.

Reportagens

Giulia Santana

Diagramação

Giulia Santana

Revisão

Giulia Santana, Navida Editora

Professora-orientadora

Flávia Moreira Mota & Mota

Conselho editorial

Dra. Claudia de Faria Barbosa

Dra. Bárbara Pontes de Assis

Dra. Isabel Colucci Coelho

Luciana Terra Villar

Imagens

Capa: Anemode123 para Pixabay

Prefácio: Dean Moriarty para Pixabay

Parte 1: JB-Photo para Freepik

Parte 2: Radoan Tavir para Pixabay

Posfácio: DariuszSankowski para Pixabay

Agradecimentos: Myriams-Fotos para Pixabay

Design por Giulia Santana

Navida Editora

www.navidaeditora.com

contato@navidaeditora.com

@navidaeditora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santana, Giulia

Vozes [livro eletrônico] : assédio sexual na universidade : quem sofre, quem faz, quem vê, quem se cala / Giulia Santana. -- Salvador, BA : Navida, 2021.

ePub

ISBN 978-65-89020-04-2

1. Ambiente escolar 2. Assédio sexual às mulheres 3. Livro-reportagem 4. Relatos pessoais 5. Universidades e escolas superiores 6. Vítimas de abuso sexual I. Título.

21-56204

CDD-070.449364153

Índices para catálogo sistemático:

1. Vítimas de assédio sexual : Mulheres :
Livro-reportagem : Jornalismo 070.449364153

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Informações importantes

Se você foi vítima de assédio sexual ou de qualquer outra violência de gênero, não hesite em procurar ajuda. Alguns dos serviços disponíveis para denúncia e apoio estão listados abaixo

Ligue 180 — Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência. Disponível 24 horas por dia, todos os dias. Em todo território nacional e em alguns outros países.

DEAMs — Delegacias Especializada de Atendimento à Mulher

Iniciativa nacional, grande parte dos municípios no Brasil possuem DEAMs. Conheça a sua delegacia. Caso esteja em dúvida sobre a disponibilidade de uma DEAM em sua cidade, Ligue 180 para se informar.

Em Vitória da Conquista

DEAM — Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher
TEL: (77) 3425-8354

Conselho Municipal da Mulher

TEL: (77) 3424-1385

Centro de Referência da Mulher Albertina Vasconcelos (CRAV)

TEL: (77) 3424-5325

União de Mulheres de Vitória da Conquista

TEL: (77) 3423-4146

No meio acadêmico

Celula Matter

TEL: (77) 98852-0402

A todos aqueles que têm a
própria história entalada na garganta.

A hand holding a megaphone, with the word "Prefácio" written in a black, cursive font in the center of the megaphone's opening. The background is a blurred, light-colored scene.

Prefácio

Prefácio

Quando eu optei por esse tema, uma das frases que eu mais ouvi foi “Você deve ter um bom motivo para ter escolhido esse tema”. Em cada contexto existia um motivo diferente para essa frase. Em meus professores a fé de que eu não estava escolhendo um tema do qual não tinha aproximação. Nos curiosos, a ideia de que eu tinha alguma história de assédio que não tinha contado. Na família, o medo do mesmo. Eu fui, naturalmente, obrigada a pensar em qual era o meu motivo. E entre todos os mais nobres motivos e mais lógicas justificativas que poderia ter, eu fico com: Escrevo este livro movida pela raiva.

Foi a raiva que me dominou quando ouvi os primeiros relatos de casos de assédio sexual na universidade. Durante meu terceiro ano de faculdade, fiz parte de uma comissão que investigou e auxiliou vítimas de assédio sexual dentro da minha universidade. Passamos meses ouvindo as

histórias, tentando construir um espaço seguro para as vítimas e as encaminhando para quem supostamente poderia ajudar de verdade. Ao ouvir os relatos pela primeira vez, senti raiva dos agressores. Ao me deparar com as estruturas que deveriam fazer algo sobre os casos, senti raiva dessas estruturas e das pessoas que protegiam elas. Ao ouvir os casos sendo espalhados por fofocas de corredor e sendo alterados pelo efeito “telefone sem fio”, eu senti raiva dos meus colegas. Muita coisa aconteceu naquele período e eu sentia raiva constantemente, e a raiva me enlouquecia.

A situação me fez entender as estruturas universitárias de uma forma diferente. Eu sabia, desde o primeiro semestre, que um professor concursado é quase intocável em suas ações. É claro que eles ainda são suscetíveis a demissões, mas existe uma estabilidade e um protecionismo que vai além. Abuso de poder em ambiente universitário não é novidade para ninguém que já teve que passar algumas horas de seus dias naquele local. Eu também sabia, talvez desde que me entendi mulher e pessoa suscetível a violência sexual no

mundo, que em casos de assédio, a integridade e a reputação da vítima é colocada em questão quanto mais se possa defender o agressor. Ora, nós somos sociedade estabelecida sob violência sexual. Guerras e colonizações foram feitas com muita violência sexual envolvida. Então, não é surpreendente que em um caso de violência o “conquistador” tenha preferência sobre o “conquistado”. Mas a mistura do endeusamento do professor universitário com o questionamento sobre a motivação da vítima de assédio que vai em frente e denuncia é muito mais danosa do que eu tinha considerado.

Enquanto investigávamos, não podíamos falar sobre o caso para proteger a identidade das vítimas e a investigação em andamento. Isso era uma das coisas que me enlouquecia. Não porque tivesse necessidade de contar aos quatro ventos sobre o que acontecia, mas porque enquanto nos calávamos, o agressor e seus protetores possuíam prevalência sobre a narrativa. Eles contavam suas próprias versões da história para seus colegas. Eles abriam pontos de pauta para falar sobre si mesmos. Eles

começavam discussões sobre o assunto em sala de aula. A raiva multiplicava e me dava dor de cabeça, mas qualquer coisa que eu dissesse poderia colocar as pessoas em risco, então eu me calava. A história não era minha para contar.

Eventualmente, as denúncias que estávamos encaminhando foram deixadas de lado. As vítimas confiaram em uma promessa de nunca mais serem tocadas e por medo, em especial de serem perseguidas e perderem seus diplomas e oportunidades profissionais, deixaram para traz a ideia de justiça e tentaram seguir suas vidas. A princípio, isso aumentou minha raiva. Eu não entendia como as pessoas podiam simplesmente seguir em frente e deixar os agressores vivendo e trabalhando normalmente, esperando a próxima vítima. Sentia raiva por as achar egoístas, preocupadas apenas com a própria segurança. Eu nunca disse isso em voz alta, mas foi o que senti. No fim das contas, percebi que culpar as vítimas não adiantava nada. Elas tinham seus próprios motivos e ninguém deveria ter que arriscar tudo para lutar por justiça depois de sofrer uma agressão que pode

ter efeitos pelo resto da vida. Ninguém deveria ter que ser lembrada uma série de vezes que a reputação de alguém é mais importante que a sua integridade.

Mas eu fui deixada com um vazio. O que eu faria agora que sabia que os casos não seriam investigados e que os agressores continuariam no mesmo lugar? Como eu poderia viver comigo mesma sabendo que outras pessoas estavam sujeitas a uma situação da qual eu poderia alertá-las? E eu tentei. Eu pedia “Só tome cuidado” e recebia “Eu não posso acreditar que tal pessoa poderia me colocar em risco sem saber o que aconteceu”. Todo mundo sabe que a arma de um jornalista é a palavra e que é sua obrigação contar as histórias que ninguém vê, mas as minhas palavras estavam entaladas na garganta e as histórias eram segredos, compartilhados apenas em conversas de corredores, sempre impedidos pelo medo. “E se ele te processar por difamação? Ninguém vai te defender.”, “Você não estava lá, por que tem tanta certeza de que elas falam a verdade?”, “O professor nunca faria isso, ele sabe

que colocaria o cargo em risco”, “Um professor, doutor, nunca faria isso.”, “Os colegas dele atestam que ele nunca faria isso”, “Isso é intriga de aluno que não gosta do professor”. Eu me sentia entre dois mundos. Um em que nomes como o do produtor de cinema Harvey Weinstein e do ator Kevin Spacey eram destronados e vítimas finalmente sentiam que tinham voz e um outro em que histórias não eram contadas e a voz dos estudantes, passageiros, eram abafadas pela imagem eterna e intocável do professor.

Eu resolvi que seria egoísta e que pensaria apenas em me formar também, mas isso não deu certo. Eu não conseguia dormir. Não me sentia bem assistindo aulas. Não conseguia olhar para os calouros, muitos que via como meus pupilos sem pensar em como eu iria embora da universidade e eles continuariam ali, sujeitos a possíveis agressões, sentindo que denúncias não iriam a lugar nenhum e que a estabilidade do funcionário público sempre valeria mais. Eu estive perto de simplesmente desistir da universidade. Em 2017, a revista TIME escolheu como pessoa do ano, as

pessoas que fizeram do movimento #MeToo uma corrente mundial e as nomeou de “The Silence Breakers”. A voz dessas pessoas – não apenas mulheres, mas majoritariamente mulheres – criou um movimento mundial que expôs violência sexual no mundo inteiro. Violência cometida por homens poderosos, homens reconhecidos pelo próprio trabalho, homens cuja reputação era ilibada diante dos colegas de trabalho. Suas vozes se tornaram símbolo da luta contra essas violências. Elas foram um dos motivos pelos quais eu optei por não desistir. Por continuar estudando e continuar tentando informar e proteger possíveis vítimas das formas que conseguisse. Minha condição é que eu não me calaria.

Mas de novo, eu não sou uma vítima. Mesmo que não queira me calar, as histórias não eram minhas para contar. Mesmo que quisesse contar aos quatro ventos a narrativa que eu conhecia, ela não me era de direito. O que eu, jornalista, poderia fazer? Não posso denunciar alguém. Não posso pedir para a polícia investigar nada sem provas. Não posso apontar o dedo acusador sem ter algo

para me basear. Sou apenas uma aluna, que só ficaria lá por quatro anos, e os professores eram concursados, efetivados, passariam suas vidas lá. Ninguém deixaria uma aluna narrar o futuro da universidade. O que eu poderia fazer, sozinha?

De novo, fui levada à ideia de que a arma de um jornalista são as palavras. De novo, me lembrei que foi a raiva que fez com que eu investigasse, que quisesse saber mais, que me mantivesse acordada à noite pensando no que poderia fazer. Como eu poderia canalizar essa energia para conseguir deixar resultados? Qual o legado de um estudante dentro da universidade?

Decidi que não seria o amor ou o altruísmo que me faria terminar a universidade. Seria a raiva. Só porque as vítimas que eu conhecia não queriam contar sua história, não quer dizer que outras vítimas não gostariam. Só porque ninguém que eu conhecia estava disposta a ir para o holofote, significava que outras pessoas não estavam dispostas a falar, se lhes fosse dado o canal, longe das luzes. Eu tinha em mim a vontade de ir para a frente e fazer barulho. Eu tinha em mim a raiva, a

energia, a força que me moveria a fazer algo e a deixar uma marca. Se eu queria proteger alguém, deveria começar pelas vítimas e não as obrigar a ser como eu e irem para a frente, mas oferecê-las o que eu tinha em meu arsenal.

Decidi fazer do meu trabalho de conclusão de curso um livro-reportagem sobre assédio sexual na universidade. Um produto próximo do meu coração, que eu já tinha decidido que faria no primeiro semestre da faculdade, quando descobri que era uma possibilidade. O tema, está mais próximo de outros órgãos, como o aperto no estômago e o cansaço da mente. Nada poderia me preparar para os meses de estresse guardado que a investigação desse livro me traria. O aperto no estômago, a sensação de que eu nunca seria boa o suficiente para escrever algo que fosse justo com as vítimas e que deixasse o impacto que poderia. As reuniões que assisti, as discussões sobre o tema dos quais fiz parte. As dúvidas jogadas sobre as vítimas que as pessoas nem conheciam. A sensação de que eu estava indo longe demais, mas também de que não

tinha ido longe o suficiente, de que não fiz ou trabalhei o bastante.

De todos os livros que escrevi, este é o mais curto e o que mais tomou minha energia. O que mais exigiu pesquisa e mais exigiu cuidado. Não-ficção é difícil, é doloroso, aumenta nossos medos. Não-ficção que, se não trabalhada com cuidado, será tratada como ficção, então, nem se fala.

Identidades foram mantidas em segredo. O objetivo do livro não é expor ou sensacionalizar os casos. Não é abalar a carreira ou a reputação de ninguém. Não é essa a minha ideia, não é esse o desejo das vítimas que compartilharam suas histórias comigo. Quero aqui usar a minha voz para compartilhar as narrativas que são abafadas. Quero falar mais alto do que aqueles que gritam para defender as ações que fazem em sussurros. Quero conscientizar, informar, fazer o que acredito ser o verdadeiro papel de uma jornalista.

Não quero que os casos de assédio sejam conversa de corredor. Este livro é um registro, um aviso, um folheto de informações, se você assim quiser. Não o escrevo pela fama, mesmo que queira

que essas histórias atinjam o máximo de pessoas possível, mas este livro também é meu legado. É o que deixo enquanto vou embora. Porque enquanto aluna, sou passageira, e os quatro anos que vivi na universidade não se igualam aos 20 anos de trabalho de ninguém. Mas enquanto registro físico, esta obra permanece além da minha formação, além da minha carreira, além da minha vida. Enquanto trabalho de conclusão de curso, este livro permanece parte física da universidade que frequentei e da academia como um todo além do tempo de trabalho de qualquer assediador.

Espero que esse fruto da minha raiva, da minha sede de justiça e da minha vontade de deixar algo que vá além de mim, alcance seus objetivos. Se você foi vítima de assédio sexual e nunca pode falar sobre isso, espero que esse livro lembre que você não está sozinho(a) e que existem pessoas dispostas a lutar por você e a quebrar o silêncio com você.